

À luz da fabulação – as aventuras do barão de münchhausen como proposta de crítica ao aufklärung – algumas palavras

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

Professor do Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
alvabrag@uol.com.br

Sob o cetro da *Vernunft*, a Razão para os alemães, delineou-se na Europa o Século das Luzes, como passou a ser conhecido na História a décima oitava centúria do calendário cristão. Em busca do crescente aperfeiçoamento do Homem, cujas bases filosóficas, já no final do século anterior, apontavam para a predominância dos postulados cartesianos e empiristas, elege-se a sentença de Descartes, *cogito ergo sum*, como o centro da própria reflexão sobre o porquê do ser humano e do mundo. Como instância máxima para se chegar às respostas procura-se na ciência os verdadeiros caminhos do saber¹. Parecem esgotadas as tentativas de uma escolástica tardia ou a mera aceitação dos dogmas religiosos para a explicação dos fenômenos sociais. Deus cede lugar ao indivíduo racional, que se pauta pela sua própria “luz” interna, advinda do conhecimento. Almeja-se a emancipação do Homem através do *Aufklärung*, como bem define Kant:

Ilustração é a libertação do homem de sua situação e dependência espiritual, da qual ele próprio é culpado. Dependência espiritual é a incapacidade de fazer uso da razão sem recorrer à orientação de outros².

Sapere aude! “Ousa saber” é o lema desses homens, que em França compunham a Enciclopédia e em terras alemãs os sessenta e quatro volumes do Léxico de Zedler. Como o ciclope de um olho que tudo via, ambicionava-se o

¹ - Onde temos em *ciência* a presença da forma verbal originária de *scire*, “saber”.

² - Cf. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é Ilustração In: LANGENBUCHER, Wolfgang. *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre: Globo, 1972 p. 52

domínio do saber e isso afigurava-se apenas possível por intermédio do crivo da Razão.

Tal onda de idéias revolucionárias varreu a Europa a partir da primeira metade do século XVIII. Como bem assevera Wolfgang Beutin, no caso específico da Alemanha,

os fundamentos do *Aufklärung* eram os seguintes: apelo à razão como medida do agir social e individual, valorização do aquém, imagem positiva do ser humano, igualdade de todos os homens, luta pelos direitos humanos para todos, crítica à religião, crença no progresso.³

Tais assertivas para a postura do novo homem repercutiram decisivamente no fazer literário alemão. Podemos, esquematicamente, configurar duas fases do pensamento iluminista⁴ na Alemanha. Em um primeiro momento, cujo principal representante seria Johann Christoph Gottsched (1700-1766), concebia-se a literatura como imitação da Natureza, força motriz do universo associada à Razão e à arte poética, cabendo ao literato pautar-se pela *Vernunft*. Gottsched, por ser adepto do teatro clássico francês, considera a fábula como o cerne do drama. A partir da segunda metade daquele século, devido às influências pietistas do norte da Alemanha⁵, dilui-se o exagero racionalista e surge a figura eminente de Gotthold Ephraim Lessing (1724-1781), que assenta definitivamente a burguesia no drama alemão e estabelece com seus escritos teóricos a valoração da crítica literária.⁶ O escritor de Kamenz também compôs fábulas, transformadas em epigramas, onde seu fundo didático-moralizante refletia nitidamente posições pessoais do autor.

Este panorama literário, aqui rapidamente esboçado, possuirá a partir da década de setenta sua contraparte sentimental com a irrupção do movimento *Sturm und Drang*, “Tempestade e Ímpeto”, que tem no drama homônimo de Friedrich Maximilian Klingler (1752-1831), publicado em 1776, sua eclosão. Agora,

³ In: BEUTIN, Wolfgang *et alii*. *História da literatura alemã*. Tradução de Anabela Mendes *et alii*. Lisboa: Apáginastantas, Edições Cosmos, 1993. V. I, p. 186

⁴ O termo alemão *Aufklärung* significa literalmente “Esclarecimento”. Em português encontram-se as formas Iluminismo, Esclarecimento e Ilustração, todas possuindo em seus étimos referências à *claridade e luz*.

⁵ Fogem ao escopo deste artigo considerações mais profundas acerca das especificidades do pietismo.

⁶ Sobre Lessing e sua importância no *Aufklärung* cf. BARNER (1975).

de forma revolucionária, o subjetivo toma o lugar de preponderância do objetivo, pois no turbilhão de sentimentos da alma humana residiria a verdadeira sabedoria.⁷

No início de 1786 ocupava-se Goethe com seus estudos de botânica e das ciências da natureza, para mais tarde, em setembro, partir em sua viagem à Itália, ponto central na mudança de ótica de sua produção literária. Neste mesmo ano, Gottfried August Bürger (1747-1794) publicava as *Baron Münchhausens Erzählungen seiner wunderbaren Reisen und Kriegsabenteuer in Rubland*, “Os contos do Barão de Münchhausen sobre suas maravilhosas viagens e aventuras bélicas na Rússia”. Bürger, um *Sturm und Dränger*, via na poesia popular um meio para a integração de todas as camadas sociais. Com as aventuras do Barão de Münchhausen ele acreditava na possibilidade de unir o inteligível ao cômico e ao fantástico. Quem era, contudo, a personagem central dessas histórias?

Karl Friedrich Hyeronimus, Barão de Münchhausen, nasceu em Bodenwerder, Westfália, em 11 de maio de 1720, vindo a falecer com a idade de setenta e seis anos na mesma cidade em 22 de fevereiro de 1797. Durante sua existência fora pajem servindo ao Duque Anton Ulrich de Braunschweig, acompanhando este em sua viagem à Rússia e sendo promovido a tenente em 1740. Após doze anos de ofício nas armas, tendo sido oficial de carreira, retirou-se definitivamente para a sua propriedade em Bodenwerder. Segundo fontes da época, era um apaixonado caçador e após uma vida aventureira em terras estrangeiras, inclusive tendo tomado parte em duas guerras contra os turcos, costumava entreter seus convidados em sua propriedade com as mais inacreditáveis histórias de combates, caçadas e de acontecimentos fora do comum, as quais teriam ocorrido em suas perambulações. Dezessete destas histórias, que são atribuídas ao Barão, apareceram pela primeira vez impressas em 1781 no *Vademecum für lustige Leute* e foram quatro anos mais tarde acrescidas e traduzidas para o inglês por Rudolf Erich Raspe com o título de *Baron Münchhausens narrative of his marvellous travels and campaigns in Russia*. Em 1786, Bürger vertia para o alemão a segunda edição inglesa e acrescentava a esta treze histórias, conferindo-lhe sua forma definitiva.

⁷ Sobre o *Sturm und Drang* cf. o capítulo *Sturm und Drang* em BÖSCH (1967, pp. 221-262)

À guisa de informação, arrolamos a seguir as histórias publicadas na compilação de Bürguer:⁸

- a) Viagem à Rússia e São Petersburgo;
- b) Histórias de caça;
- c) Dos cães e dos cavalos do barão de Münchhausen;
- d) Aventuras do barão e Münchhausen na guerra contra os turcos;
- e) Primeira aventura marítima;
- f) Segunda aventura marítima;
- g) Terceira aventura marítima;
- h) Quarta aventura marítima;
- i) Quinta aventura marítima;
- j) Sexta aventura marítima;
- k) Sétima aventura marítima. Narrativas autênticas de um companheiro do barão que tomou a palavra na ausência deste;
- l) O barão retoma sua narrativa;
- m) Oitava aventura marítima;
- n) Nona aventura marítima;
- o) Décima aventura marítima.
- p) Segunda viagem à lua;
- q) viagem através da terra e outras aventuras notáveis.

Pela simples leitura dos títulos dos capítulos, nota-se que todas, à exceção do capítulo XII (letra k), seriam “autênticas” histórias do oficial de Bodenwerder. Destes, dez poderiam ser compreendidos dentro de um “ciclo de aventuras marítimas”, dois dentro de um “ciclo de viagens”, dois dentro de um “ciclo de aventuras bélicas contra os turcos” e dois fariam referência a um “ciclo de aventuras com animais”.⁹ Tomemos como rápido exemplo para análise de sua linguagem textual, três de suas mais conhecidas façanhas para posteriores comentários sobre o seu caráter antiiluminista.

Texto 1 – Ciclo de viagens - *Münchhausen na Rússia*¹⁰

Durante o inverno, Münchhausen viajou à Rússia a cavalo. Ao entardecer, quando já escurecia, ele ainda não encontrara uma guarida para a noite.

⁸ Utilizamos em nossa análise BÜRGER, G. A.. *Aventuras do barão de Münchhausen*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Belo Horizonte: Vila Rica, 1990.

⁹ Proposta de classificação nossa.

¹⁰ Devido à limitação deste trabalho, optamos por apresentar uma versão reduzida das duas primeiras aventuras, que foram por nós traduzidos e adaptados para o português a partir da obra de Rosemarie Griesbach, *Deutsche Märchen und Sagen*. 8 ed. München: Max Huber, 1977, p. 70-72. A terceira aventura encontra-se em BÜRGER (1990), p. 46-47).

Somente a neve podia ser vista. Ele amarrou, então, seu cavalo a uma pontiaguda estaca de construção que se sobressaía da neve – assim, pelo menos, ele acreditou. Deitou-se na neve, então, sobre cobertores e casacos e adormeceu. Ao despertar, ficou muito surpreso, pois encontrava-se no átrio de uma igreja no meio de um vilarejo. Ele procurou por seu cavalo e finalmente percebeu, que o mesmo estava amarrado ao catavento da torre da igreja. Lá em cima estava ele agora pendurado. É que durante a noite a neve, pela qual o vilarejo tinha sido coberto na noite anterior, derretera. Com a sua pistola ele arrebentou a correia com a qual prendera o cavalo. O animal caiu sem sofrer ferimentos e Münchhausen prosseguiu sua viagem.

Texto 2 – Ciclo de aventuras bélicas contra os turcos – *O passeio na bala de canhão*

Durante a guerra, uma cidade inimiga fora sitiada. Todos gostariam de saber, qual era a situação dentro dela, todavia não se podia enviar nenhum espião para dentro da referida cidade. Münchhausen estava de pé ao lado de um canhão, que naquele momento disparara uma bala em direção à fortaleza inimiga. Com decisão, Münchhausen rapidamente pulou sobre a mesma e “cavalgou” para a cidade. No entanto, no caminho, ele começou a ter medo de sua própria audácia. Ele não duvidava que entraria são na cidade, porém de lá sairia ferido. Nesse ínterim, ele se deparou com uma bala de canhão que voara da cidade em direção oposta. Rapidamente, ele mudou de bala no ar, montando sobre a bala inimiga em direção ao seu acampamento, lá chegando em segurança.

Texto 3 – Ciclo de aventuras com animais – *Encontro com um lobo*

De outra vez, fui acochado tão de perto por um lobo que não tive, para me defender, outro remédio senão meter-lhe o punho pela goela a dentro. Impelido pelo instinto de conservação, enterrei-o cada vez mais profundamente, a tal ponto que todo o meu braço ficou lá dentro. Mas, que fazer depois? Pensai um pouco em minha situação: cara a cara com um lobo! Asseguro-vos que a coisa não estava para gentilezas: se eu puxasse o braço, o animal infalivelmente me pularia em cima, pois tal era a intenção que eu lia com toda clareza em seu olhar chamejante. Num átimo, agarrei-lhe as entranhas, puxei-as, virei o bicho pelo avesso, como se fosse uma luva, e larguei-o morto na neve.

Como caracterizar as histórias acima dentro de uma visão antiiluminista? Se partirmos de uma simples observação quanto ao enredo dos textos, nota-se a tentativa de se coadunar o fantástico e o maravilhoso a um plano real. Essa transposição evidencia-se na primeira história no momento em que o Barão vê

seu cavalo preso ao catavento e consegue, com um disparo certeiro, livrá-lo e o animal chega ao solo incólume. Na segunda aventura, a mudança de direção sobre a bala de canhão em pleno ar já apresenta o elemento de inverossimilhança, no entanto, confere-se ao protagonista seu caráter humano ao se registrar que ele tem medo de sofrer as conseqüências de seu ato temerário, como se o barão contrapusesse ao fantástico um argumento racional de base emocional, ou seja, o sentimento de medo. Pode-se, do mesmo modo, tentar analisar a terceira aventura a partir do ponto de vista real: o grande caçador, acuado por uma fera, deve utilizar sua astúcia e habilidade para, em uma fração de segundo, livrar-se do animal feroz. Ao colocar as entranhas do animal para fora, o Barão inverte a lógica iluminista, centrando a sabedoria instintiva do *Sturm und Drang*, no lugar da razão.

As histórias que deram a Hieronymus Karl Friedrich von Münchhausen uma fama universal são produto de uma tradição popular alemã, que se intensificou durante o Século das Luzes. Pelo seu lado erudito, suas origens remontam às tradições fabulísticas de Esopo, Fedro, Aviano, na Antigüidade Clássica, aos *exempla* e fábulas medievais de Marie de France, por exemplo, chegando na Idade Média Tardia à criação das farsas – *Schwänke* – e aos *Volksbücher* – livros populares – de fins do século XV e início do século XVI, no que concerne a um caráter mais popular da criação dos motivos. Charles Perrault e La Fontaine, no século XVII, fixam as bases para as fábulas e contos¹¹ modernos, que têm na redescoberta e valorização do povo como agente e repositório das tradições culturais da sociedade, dentre as quais a poesia, um dos principais pontos de ação do movimento *Sturm und Drang* e do Romantismo alemães. Em nosso ver, nesse momento, podem ser inseridas as histórias de Münchhausen.

Em alemão, como afirma Laura Sandroni, a palavra *Märchen* “significa os mais diferentes tipos de contos: contos de amor, de animais, contos burlescos e lendas, histórias de humor, de mentiras e de horror”¹², para depois sumarizar seu público-alvo e objetivos, classificando-os como

¹¹ Convém ressaltar que a palavra *conto* é originária do latim *computare*, daí em português “contar”, que, em princípio, é um ato eminentemente oral, passível de acréscimos, razão pela qual se cristalizou dentro da fraseologia popular, *quem conta um conto, aumenta um ponto*.

¹² Cf. SANDRONI in: CADERNOS DE LETRAS (19987:9).

destinados indiferentemente a crianças e adultos, são narrativas que os marginalizados, os velhos, as babás, os pastores e os soldados contavam em suas horas de folga e, seduzindo os ouvintes em volta das fogueiras e das lareiras, com seus sonhos de um mundo melhor e mais justo.¹³

Nas peripécias do Barão, porém, não há lições morais veiculadas explicitamente. Nosso contador de histórias entretece o público nobre com suas ações aventurosas, obviamente frutos de sua imaginação fértil, embora satirize várias vezes a própria nobreza e seus costumes:

Prefiro falar-vos, enfim, daquelas festas, daqueles exercícios cavaleirescos, daquelas ações de raro brilho, que melhor adornam um gentil-homem do que tiradas pedantes em latim ou grego, ou do que esses saquitéis de perfume, essas gatimonthas e essas piruetas de franceses metidos a espirituosos.¹⁴

Nesta fala, o narrador demonstra ser a favor de uma *noblesse*, cujas virtudes estariam baseadas na ação cavaleiresca em vez de residir em mesuras despropositadas de um modelo francês do início do século XVIII já ultrapassado e que não refletiria a “alma alemã”. Como bem afirmam Helmut de Boor e Richard Newald, ao coligar as supostas conversas de Münchhausen,

Bürger transformou os nobres da época rococó e do Iluminismo em, figuras de contos, que com ousadia, não se importavam com todas as leis e experiências das ciências naturais.¹⁵

Essa “humanização” do nobre referendava o contato com o real, permitindo uma maior divulgação e sucesso de recepção das *Märchen*. Na reprodução das fanfarrônicas do Barão apresentadas nas histórias de maneira ingênua, Bürger assegura o tom e a cadência do discurso vivo. Através disto, prosseguem De Boor e Newald, ele (Bürger) atinge o jovem dentro do homem, mostra seu herói despreocupado de toda sabedoria erudita e de toda reflexão e com isso o eleva ao nível atemporal.¹⁶

À cultura letrada e à reflexão crítica contrapor-se-iam, portanto, a sabedoria prático-instintiva e a solução do momento, muito mais próximas da “realidade” do cidadão alemão de então. Isso afastaria uma pretensa destinação do livro

¹³ Idem, *ibidem*, p. 9.

¹⁴ Cf. BÜRGER (1990:24).

¹⁵ Cf. DE BOOR & NEWALD (1973, p.217).

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 217.

para o público infantil, o que nos lembra as afirmações dos irmãos Grimm contidas na introdução à primeira edição de seus *Contos*, quais sejam, que o livro *As aventuras do Barão de Münchhausen*

não foi escrito para crianças, embora seja tanto melhor se elas gostarem; não teríamos posto tanto ânimo em escrevê-lo se não acreditássemos que as pessoas mais sérias e mais idosas poderiam considerá-los importantes do ponto de vista da poesia, da mitologia e da história. ...¹⁷

O sucesso do oficial caçador, que se vangloria de suas inverossímeis aventuras, do viajante, que, cheio de fantasia, informa sobre terras distantes, o guerreiro, que pretende ter vivenciado o inacreditável, tem no público infantil, contudo, uma receptividade enorme. Por apreender a realidade de forma diferente de um adulto, a criança representa o mundo, lançando mão de símbolos. Como a Literatura com eles trabalha, a identificação da obra com as projeções do leitor infantil são inevitáveis.

O fenômeno da transformação de um oficial da Westfália em personagem de suas próprias histórias tem possibilitado, no correr dos dois últimos séculos, um crescente interesse do mercado livreiro. Segundo o levantamento feito por Ruth Villela Alvez de Souza (1979:14), a primeira edição no Brasil data de 1848, feita pela Livraria Universal Laemmert, que desta forma apresenta a obra:

Pode dizer-se sem que se incorra na pecha de exageração, que é a história de Munkausen¹⁸ uma das pérolas da literatura alemã que apresenta uma riqueza tão variada de bom humor, uma tão grande abundância de chistes, uma ironia tão fina e ao mesmo tempo uma locução tão franca e tão fácil, que ninguém largará este livro da mão sem confessar ter empregado bem o tempo na sua divertida leitura.

Seguem-se mais duas, neste século, a cargo da mesma editora, bem como também de publicações da Melhoramentos, da Editora Minerva, da Companhia Editora Nacional, Editora Globo, Editora do Brasil, Tecnoprint Gráfica e Vila Rica. Em televisão, a adaptação da obra de Monteiro Lobato para o *Sítio do picapau amarelo* rendeu, pelo menos, duas séries de episódios, nos quais o intrépido Barão visita as personagens brasileiras: *O anjinho da asa quebrada* e *O pássaro roca*.

¹⁷ Apud SANDRONI in: CADERNOS DE LETRAS (1987, p.9).

¹⁸ Cf. SOUZA (1979, p.14). Mantivemos o texto original, inclusive a forma *Munkhausen*.

Pelo exposto até aqui, sente-se a penetração e difusão das histórias de Münchhausen. Na Alemanha, as “histórias mentirosas”- *Lügendgeschichten* - ,

devido às traduções para diversas línguas tornaram-se um livro divulgado em todo o mundo, através do que Münchhausen ficou conhecido menos como personagem histórica que como figura literária, e, também não por último através de uma quantidade de adaptações e outras literarizações em forma das assim chamadas Münchhausíadas.¹⁹

Assim, de aventuras em aventuras, o Barão de Münchhausen entra não apenas para a galeria de grandes “contadores de histórias” da humanidade, porém mais que isso, contrabalançava o Século das Luzes com a Luz da imaginação. À guisa de informação suplementar, vejamos alguns trechos, nos quais o nobre alemão demonstra seu científico método de desconstruir a ciência iluminista através do riso.

Ao reparar que um oficial russo não possuía a parte superior da calota craniana e para provar aos seus interlocutores que estava certo em suas observações,

fui-me postar, com meu cachimbo, bem atrás do general e, no momento em que ele levantava o chapéu, cheguei à fumaça um pedaço de papel aceso. ... Eu transformara em coluna de fogo a coluna de fumaça que subia da cabeça do general; e os vapores, retidos pela cabeleira do velho, formavam um halo azulado, como jamais outro halo brilhou em redor da cabeça do maior santo. *O general deu pela minha experiência...*²⁰

Doutra feita, ao caçar um belo veado, que tinha sido por ele anteriormente baleado com caroços de cerejas, a habilidade prática mostra-se como solução, pois o Barão vale-se de que,

em casos extremos, o bom caçador recorre a qualquer expediente para não deixar escapar a oportunidade; e eu mesmo me vi muitas vezes obrigado a safar-me das situações mais perigosas valendo-me apenas da minha habilidade.²¹

Em outra caçada, ao estar em desvantagem frente a um gigantesco urso, o herói reverte a situação ao abatê-lo, porém ao explicar sua ação, filosofa do seguinte modo:

¹⁹ In: NEUE DEUTSCHE BIOGRAPHIE (1997, p.525). Em alemão, o termo para “Münchhausíadas” é *Münchhausiaden*.

²⁰ In: BÜRQUER (1990, p.26). Os grifos em itálico são meus.

²¹ Idem, ibidem, p. 41.

sabeis todos, *por experiência*, que o bom caçador, como o filósofo, sempre traz consigo tudo o que é seu: quanto a mim, minha bolsa é um verdadeiro arsenal, *capaz de fornecer recursos para todas as eventualidades*.²²

Ao mencionar seus acessórios, que sempre o auxiliaram na realização de suas façanhas, Münchhausen valoriza não tanto a inteligência erudita, mas sim a lógica prática e estende tal observação aos caçadores e militares em geral:

no entanto, *imprudente e censurável* seria o caçador, almirante ou general que confiasse de modo absoluto em sua presença de espírito ou coragem, sem apelar para os *ardis, os instrumentos ou os auxiliares suscetíveis de assegurar o bom êxito de sua empresa*.²³

Para referendar o valor de sua cadela Diana, que conseguia até capturar uma lebre corredora de seis patas, o Barão utiliza a famosa expressão “Se os senhores o tivessem visto”²⁴ Valorando seu cavalo lituano, ele credibiliza suas histórias: “Quando um homem monta um animal como o meu lituano, bem o haveis de imaginar, senhores, capaz de outro feito que, à primeira vista, dir-se-ia coisa fabulosa.”²⁵

Ao se dirigir pela primeira vez à lua para resgatar a machadinha de jardineiro do sultão, enquanto cativo dos otomanos, o Barão utiliza seus conhecimentos de física e matemática para descrever a sua queda daquele astro até a Terra:

devia estar ainda a uma distância de *duas léguas* da terra, nas nuvens, quando a corda rebentou e eu caí com tanta violência no chão que fiquei totalmente aturdido. *Meu corpo, cujo peso aumentara com a velocidade e a distância percorrida, abriu na terra um buraco de pelo menos nove pés de profundidade*.²⁶

Talvez a mais importante passagem das *Aventuras do Barão de Münchhausen*, na qual se expressa a verdade daquilo que é e continuará a ser relatado, esteja às páginas 89 e 90 do texto de Bürguer. Aqui, do ponto de vista eminentemente retórico, o reafirma-se o fantástico e maravilhoso – o *extraordinário* – inserido dentro da realidade, abonada pela palavra de um oficial, um cavalheiro

²² Idem, *ibidem*, p. 45.

²³ Cf. BÜRGUIER (1990, p. 51)

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 58.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 72. Aqui, Münchhausen brinca com a própria *fábula*.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 79.

seguidor de uma ética comportamental. O “contar” torna-se sinônimo de revelação da verdade vivenciada; público leitor e público ouvinte fazem parte da galeria de espectadores e interlocutores das histórias:

muitos viajantes têm por hábito, quando relatam suas aventuras, contar mais do que viram. Não espanta, assim, que os leitores e ouvintes tendam por vezes à incredulidade. Todavia, se há entre o restável auditório alguém inclinado a duvidar do que estou contando, muito me haveria de magoar essa falta de confiança; e eu o advertiria de que o melhor a fazer, nesse caso, é ir-se embora antes que eu comece a narrativa das minhas aventuras marítimas, que são ainda mais extraordinárias, embora não menos autênticas.

Em uma de suas viagens marítimas, o nobre da Westfália vê-se cercado por um leão, um crocodilo, por um rio de forte correnteza e por um precipício. Nesse momento, o doce mentiroso afirma: “Não tive tempo nem presença de espírito para refletir” e mais adiante, “Por instinto, mais que por raciocínio...”. No fim, após evitar o pior, Münchhausen nos conta que o couro do crocodilo, exposto no museu de Amsterdam, serve ao guia como pretexto para inventar histórias que, segundo o Barão, “ofendem gravemente a verdade e a verossimilhança”, para concluir que a atitude deste cidadão não “esclarecido”- *aufgeklärt* – poderia servir como meio de se macular a integridade moral de um cavalheiro:

no século de ceticismo em que vivemos, as pessoas que não me conhecem talvez fossem induzidas, por obra de tão deslavadas mentiras, a pôr em dúvida a veracidade das minhas aventuras reais – coisa que ofende seriamente um homem de bem.²⁷

Várias outras aventuras do Barão de Münchhausen apresentam, do mesmo modo, elementos de sátira velada ao Iluminismo. Na época da Razão, tergiverava-se pelas terras da Ilusão. Às custas da Reflexão afirmava-se o pragmatismo da experiência cotidiana. Liam-se na Alemanha enciclopédias, obras filosóficas, tratados de composição da arte poética, peças teatrais de cunho burguês, porém redescobria-se a importância da contribuição não erudita à manutenção de uma mentalidade homogênea, berço de um futuro nacionalismo alemão. No final deste mesmo século XVII, quando o *Sturm und Drang*, com os vãos da alma, encontrava-se com o período clássico de Goethe e Schiller em Weimar,

²⁷ Cf. BÜRQUER (1990, p.105)

traduzia-se para o alemão as aventuras fantasiosas de um homem que, de suas histórias, se tornou personagem da História. De um texto para entreter amigos, os feitos atribuídos a Münchhausen passaram a povoar o imaginário de crianças em todo o mundo. Concordamos com a assertiva de Théophile Gautier, quando fala que o estilo de Münchhausen torna provável o imponderável:

por certo, ninguém chega a acreditar nas narrativas do barão de Münchhausen, mas, apenas, ouvidas duas ou três de suas aventuras de terra ou mar, não há quem não se deixe cativar pela candura honesta e minuciosa deste estilo, que outro não seria se ele tivesse de contar uma história verdadeira.²⁸

para finalizar depois:

a íntima conexão dessas mentiras, que se encadeiam tão naturalmente umas às outras, acaba por destruir no leitor o sentimento da realidade, e a harmonia do falso é levada tão longe que produz uma ilusão relativa, semelhante à que nos fazem experimentar as *Viagens de Gulliver* ... tipo antigo dessas fabulosas narrativas, tantas vezes imitadas depois.²⁹

Pertencendo a uma galeria mundial de contadores de histórias e sendo trabalhado como exemplo de literatura para crianças, Karl Friedrich von Münchhausen apresenta, paralelamente a essas concepções classificatórias, uma outra nuance para os estudiosos de Literatura Alemã: a de um homem bastante conhecedor dos pressupostos racionalizantes do *Aufklärung* e, por isso mesmo, capaz de expor sua parte exagerada ao ridículo.

²⁸ *Apud* BÜRQUER (1990, p.14)

²⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 14.

Referências

BARNER, W. et alii. *Lessing. Ein Arbeitsbuch für den literaturgeschichtlichen Unterricht*. München: C.H.Beck, 1975.

BEUTIN, Wolfgang et alii. *História da literatura alemã*. Tradução de Anabela Mendes. Lisboa: Apáginastantas, Edições Cosmos, 1993. V1.

BÖSCH, Bruno (Org.) *História da literatura alemã*. São Paulo: Herder, Editora da Universidade de São Paulo, 1967.

BÜRQUER, G. A. *Aventuras do barão de Münchhausen*. Tradução de Moacir Werneck de Castro. Belo Horizonte: Villa Rica, 1990.

DE BOOR, Helmut & NEWALD, Richard. *Geschichte der deutschen Literatur*. Vonden Anfängen bis zur Gegenwart. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1973. Band 6. Erster Teil – Von Klopstock bis zu Goethes Tod. S. 217.

GRIESBACH, Rosemarie. *Deutsche Märchen und Sagen*. 8. Auflage. München: Max Hueber Verlag, 1977.

LANGENBUCHER, Wolfgang. *Antologia humanística alemã*. Porto Alegre: Globo, 1972.

SANDRONI, Laura. Os irmãos Grimm – vida e obra. In: SILVA, Idalina Azevedo da. *Cadernos de Letras*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Setor de Alemão, 1987 p. 7-18.

NEUE DEUTSCHE BIOGRAPHIE. Hrsg. von der Historischen Kommission bei der bayerischen Akademie der Wissenschaften. Berlin: Duncker & Humblot, 1997. 18. Band, p. 524-525.

SOUZA, Ruth Villela Alves de. *Presença dos autores alemães nos livros infantis brasileiros*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

Recebido em Abril de 2009

Aprovado em Maio de 2009